

PLOTINO E SUA CONCEPÇÃO DE HOMEM: fundamentos metafísicos e antropológicos

PLOTINUS AND HIS CONCEPTION OF MAN: metaphysical and anthropological foundations

Jeferson de Moraes Reis¹

RESUMO: Este artigo é baseado nas *Enéadas*, obra na qual o pensamento plotiniano nos é apresentado. Destaca a distinção fundamental entre alma e corpo defendida pelo filósofo. Ressalta que, para Plotino, o homem é essencialmente uma alma que se encontra temporariamente unida a um corpo, sendo este um obstáculo à realização plena do ser humano. Discute os diferentes graus de ligação entre a alma e o corpo e os caminhos propostos por Plotino para que o homem possa alcançar sua verdadeira natureza, culminando no êxtase, experiência máxima de unificação com o Uno.

Palavras-chave: Plotino; Uno; Antropologia; Homem; Êxtase.

ABSTRACT: This article is based on the *Enneads*, the work in which Plotinus' thought is presented to us. It highlights the fundamental distinction between soul and body defended by the philosopher. It emphasizes that, for Plotinus, man is essentially a soul temporarily united with a body, which serves as an obstacle to the full realization of human nature. It discusses the different degrees of connection between the soul and the body and the paths proposed by Plotinus for man to attain his true nature, culminating in ecstasy, the ultimate experience of unification with the One.

Keywords: Plotinus; One; Anthropology; Man; Ecstasy.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Câmpus Cuiabá. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Única de Ipatinga-MG. E-mail: jesusjeferson2009@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2140604433805587>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4622-6528>.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, e mais especificamente com o surgimento do saber filosófico, o problema do homem tem levado os filósofos a tentarem dar uma solução para tal problema. Questionamentos como: O que é o homem? De onde ele veio? Quem ou o que terá dado sua origem? O homem possui um destino? Possuindo tal destino, o homem é também livre? Tais questionamentos levaram a várias discussões nas mais variadas correntes filosóficas as quais, a seus moldes, elaboraram teorias a esse respeito.

Uma destas correntes filosóficas surgiu nos fins da Era Helenística, o Neoplatonismo, iniciado por Amônio Sacas que viveu da passagem do século II ao século III d. C., Sacas foi o grande iniciador da Escola Neoplatônica. Segundo Reale (2008, p. 9), “esta foi a escola que soube conciliar Platão e Aristóteles”, porém, com maior destaque ao primeiro. Plotino, nascido em Licópolis (Egito) provavelmente em 205 d.C., foi um dos discípulos de Amônio que mais foi fiel aos seus ensinamentos. Ele, imbuído dos questionamentos supramencionados, elaborou sua teoria sobre a origem do *cosmos* e a origem dos seres humanos.

Para se entender o pensamento de Plotino acerca do homem é necessário compreender primeiro o seu sistema filosófico, a saber: há um princípio de tudo que Plotino chamou de Uno, ele é princípio imprincipiado, ou seja, é o princípio de tudo e, por isso mesmo, não dependeu de outrem para ser criado; por ser completo e por sua absoluta perfeição, o Uno passa por um processo chamado *emanação*, no qual transborda dele mesmo algo que é diverso de si, a este transbordamento o filósofo deu o nome de Intellecto (*Noûs*), que por sua vez emana a Alma do Mundo da qual se chega ao homem (Reale, 2008). Uno, Intellecto e Alma do Mundo são aquilo que Plotino chama de *hipóstases*. O sistema plotiniano nos é apresentado em seus escritos que estão agrupados nas *Enéadas*, somente com uma leitura e um estudo detalhado da obra de Plotino é que se consegue ter uma compreensão do método e da dinâmica que o filósofo articula para expor seu pensamento.

Investigamos, de modo mais específico, a concepção plotiniana de homem, na qual se entenderá que o homem é uma alma dotada de um corpo e que este corpo é, para ele, uma espécie de cárcere, de prisão. Logo após, será possível compreender que existem três tipos de homens respectivamente, assim os três homens são imagens de três almas, de modo que o primeiro homem é a alma na sua tangência com o Intellecto, o segundo homem é o que está no meio entre o inteligível e o sensível e o terceiro e último homem é o que dá vida ao corpo. Neste trabalho descobrir-se-á, ainda, que o homem só atinge sua máxima liberdade quando consegue voltar a sua origem, para isso, Plotino apresenta

três caminhos, sendo que um deles se desdobra em outras três vias, a música, o amor e a filosofia. Falar-se-á ainda do êxtase, uma espécie de experimentação do que seria a vida superior, e de uma das experiências extática que teve o próprio Plotino.

Por fim, na conclusão, ver-se-á que Plotino soube dar uma resposta satisfatória ao problema do homem, bem como do surgimento de todas as coisas, do universo; que ele próprio nos assegura aquilo que especula, dando-nos a conhecer uma de suas experiências extática, que seria o desejo de simplificação e de doação que a alma tem.

2 CONCEPÇÃO PLOTINIANA DE HOMEM

Nossa investigação versa sobre a concepção de homem dada por Plotino. Afinal, o que pensa o licolopolitano a respeito do homem? O que é o homem? De onde veio e para onde vai? É possível que o homem seja livre? De acordo com a doutrina de Plotino o homem não aparece do nada e nem quando nasce o mundo corpóreo, mas preexiste a ele num estado denominado de “alma pura”. Os questionamentos acima, e ainda outros, são apresentados também por Plotino quando diz:

Nós! Quem somos “nós”? Somos “nós”, talvez, justamente aquele Ser, ou somos o que ao Ser se aproxima e é somente “o que é gerado no tempo”? Mesmo antes que ocorresse o nosso nascimento, nós estávamos lá em cima: éramos outros homens, individualmente determinados e também Deuses (ἄνθρωποι ἄλλοι ὄντες καὶ τινες καὶ θεοί), almas puras, com o Espírito juntamente com o Ser, inteiras, partes da Realidade espiritual sem confins e sem cisões, mas pertencentes ao todo; tanto é verdade que até hoje não estamos separados dele. Hoje, porém, *àquele Homem do Espírito* acrescentou-se, infelizmente, um homem bem diferente, desejoso de existência e encontrou justamente nós, já que não estávamos fora do universo; e vestiu-se de nós e juntou-se àquele “Homem do Espírito” que cada um de nós era então [...]; e eis então nos tornamos esse nosso “conjunto de dois” e não somos mais o que éramos antes. Mas ainda, às vezes, somos exclusivamente o segundo homem que se acrescentou, quando aquele primitivo Homem é inerte ou ainda, de algum modo, encontra-se distante (Plotino *apud* Reale, 2008, p. 100, grifo do autor).

Eis então o que o filósofo diz a respeito do homem, afirmando que nós éramos outros homens e, mais ainda, éramos uma espécie de deuses. Ao fazer tal afirmação, Plotino quis ressaltar que antes do nosso nascimento, ou seja, quando uma alma particular desceu ao corpo e formou o que hoje somos, nós éramos almas puras, pois estávamos ligados àquela Alma Superior. Contudo, era necessário que descêssemos a esta realidade, ao mundo concreto em que vivemos, assim, somos agora não somente um, mas dois homens.

Este é um dos pontos em que devemos voltar a nossa atenção: somos dois homens e não somente um. O primeiro homem que há em nós é aquele que estava lá em cima, que estava no plano inteligível e unido à Alma Suprema; já o segundo é este que nos tornamos, porém este é o que predomina em nós, dei-

xando aquele homem espirituoso distante a partir do momento em que passa a se dedicar as “coisas” daqui deste mundo.

2.1 Descida da Alma nos corpos

Como então explicar a decida da Alma nos corpos? De que forma isso acontece?

Para explicar a origem e a decida da alma nos corpos, o lícopolitano recorre àquele que chama de “divino Platão” que, segundo ele mesmo, em muitos de seus diálogos Platão versou sobre a Alma e sua decida aos corpos e, justamente por isso, o filósofo assevera que somente através do pensamento platônico é possível especular sobre a Alma. O neoplatônico nos revela que não é fácil discernir de forma clara o pensamento de Platão, afinal, ele não diz a mesma coisa quando trata da Alma e sua decida.

Escreve Plotino:

[Platão] diz que a Alma “está acorrentada” e “sepultada” nele [no corpo], qualificando como uma grande verdade a doutrina exposta nos mistérios de que aqui a Alma “está numa prisão”. [...] Tanto a Alma do Mundo como a de cada um de nós foram enviadas a este mundo para que ele fosse completo (Plotino, 2000, p. 82-83, acréscimo nosso).

Como se pode ver, por ser um neoplatônico, Plotino utiliza-se do pensamento de Platão, ele faz uso das contribuições do ateniense para explicar a decida da alma nos corpos, desta forma expõe que o corpo é como que um cárcere para a alma e que sua decida aconteceu para que este mundo fosse completo, pois sendo a Alma pertencente ao Mundo Inteligível, ela teve de criar os seres do Mundo Sensível, incluindo o homem.

Não é por acaso que isso acontece, se deve ao fato de que o Uno, por sua natureza e infinita potência, tem de alcançar o seu desenvolvimento total. Da mesma forma que a Alma não pôde permanecer no Intelecto, pois deveria se distinguir dele, assim também as almas particulares não poderiam ficar unidas à Alma Suprema, pois também deveriam se distinguir desta e assumir as funções que lhes são próprias, ou seja, animar os corpos do mundo sensível.

É necessário que se tenha sempre em mente que a alma humana preexiste em relação ao corpo, isto num campo ideal. “Ela encarna num corpo; em outras palavras, ela ‘desce’ ao mundo. Plotino busca responder ao ‘porquê’ dessa separação, apontando dois caminhos: o de necessidade ontológica e o de culpa” (Ullmann, 2008, p. 254). O primeiro caso diz respeito à separação da alma, pois, assim como a Alma do Mundo e o *Noûs* necessariamente provêm do Uno, assim também, involuntariamente, sem poder escolher, deve a alma descer ao corpo. O segundo motivo diz respeito à culpa que se sente, pois, ao descer ao

corpo, a alma tende a se afastar de sua origem para dedicar-se às coisas exteriores e esquecer-se de si mesma. Não é a primeira espécie de culpa, mas a segunda que constitui o grande mal da alma, ou seja, esquecer-se de si mesma, da sua origem e, portanto, do Uno.

2.2 Os três tipos de homem

Não é novidade que um filósofo, para ter um ponto de partida e elaborar seu pensamento, utiliza-se das contribuições daqueles que o antecede. Com Plotino não foi diferente, ele se utilizou das contribuições de Sócrates e, sem sombra de dúvidas, de Platão, mais deste do que daquele. Para Plotino o homem é o conjunto de corpo e alma, de modo mais preciso o homem é, verdadeiramente, a sua alma. “Em vários pontos das *Enéadas* se afirma que em nós existem como *três homens* e não simplesmente o homem interior e o homem empírico” (Reale, 2008, p. 104, grifo do autor).

Retomando a doutrina do neoestóico Marco Aurélio², que diz que há três tipos de homem - espírito, alma e corpo - o filósofo em questão aqui reformula esta tese a seu modo. Assim ele expõe que:

[...] Há antes de tudo o Homem superior; depois há a alma assim situada, capaz de tais percepções [as sensações e percepções do corpo]; portanto, também esse homem posterior – que é só uma imagem – possui, em imagem, as formas racionais; e o Homem que se encontra no Espírito contém em si o segundo homem, anterior a todos os homens. Esse *primeiro* Homem, irradia sobre o *segundo* e este, por sua vez, sobre o *terceiro*: mas o último tem em si não sei como, todos os outros precedentes, não porque se torne “aqueles homens”, mas porque o seu ser corre paralelo ao deles. Normalmente, em nós há um que age conforme ao “último homem”; contudo, ele toca algo que provém do “homem anterior” e sobre este último desce até mesmo a força operosa do “primeiro homem”; e assim o homem, paulatinamente, se transforma naquele segundo no qual age: assim verdadeiramente, por um lado, cada um de nós possui todas essas três formas de humanidade, e, por outro lado, não as possui. Porém, a terceira forma de vida – quero dizer, o terceiro e mais elevado Homem – está totalmente separado do corpo; caso a segunda vida quera segui-lo – e pode certamente segui-lo, sem separar-se dos valores supremos – onde ainda há aquela segunda vida, isto é, essa vida terrena (Plotino apud Reale, 2008, p.104, acréscimo nosso, grifos do autor).

Pelo exposto fica claro que no pensamento plotiniano há, semelhante a Marco Aurélio, os três tipos de homem. Contudo, deve-se levar em consideração que esses homens são também três tipos de alma, assim, os três homens são imagens das três almas de modo que o primeiro homem é a alma na sua tangência com o Intelecto, o segundo homem é o que está no meio entre o inteligível e o sensível e o terceiro e último homem é o que dá vida ao corpo.

O homem é fundamentalmente a sua alma. Todavia ele se afasta de sua

² Marco Aurélio nasceu em 121 d.C. Subiu ao trono aos quarenta, em 161, e morreu em 180 d.C. Sua obra filosófica, redigida em grego, intitula-se *Recordações* (ou Solilóquios) [...] [ele enumera], três princípios como constitutivos do homem: a) o corpo, que é carne; b) a alma, que é sopro ou *pneuma*; c) o intelecto ou mente (*nous*), superior à própria alma. (Reale; Antiseri, 2003, p. 332).

origem a partir do momento em que começa a se dedicar as coisas daqui de baixo, o que acaba por gerar o esquecimento de sua origem. Sobre isto esclarece Plotino:

Qual é a causa que tornou as almas – as quais são partes destacadas de lá de cima e pertencem completamente ao mundo superior – esquecidas do seu pai Deus e indignas de si mesmas e Dele? Pois bem, primeira raiz do mal para elas, foi a *temeridade*, e depois o nascimento e a *alteridade primitiva e a vontade de pertencer* a si próprias. Assim, ébrias, visivelmente, daquela autodeterminação, pois fizeram o mais largo uso do seu espontâneo movimento, depois daquela grande corrida sobre a via contrária, distanciadas que foram por tão grande espaço, acabaram enfim por ignorar a si próprias e a sua origem: como crianças que, arrancadas muito cedo aos pais e educadas por longo tempo longe, não reconhecem mais nem a si próprias nem aos seus genitores. As almas, portanto, não reconhecendo mais nem a Ele nem a si mesmas, desprezando-se por ignorância da sua estirpe, e apreciando as outras coisas, admirando mais a todas as coisas do que a si mesmas, exultaram, atônitas, diante delas e foram vencidas por elas; e se separaram, violentamente, das coisas para as quais tinham virado as costas com desprezo. Assim resulta que a única causa da total ignorância de Deus consiste em apreciar as coisas terrenas e desprezar o próprio ser (Plotino apud Reale, 2008, p.103, grifo do autor).

Assim, as almas particulares, quando desceram aos copos para vivificá-los, acabaram por esquecer, além de sua origem, de si próprias. Posteriormente, como crianças que são criadas longe de seus pais que acabam também por esquecê-los, dedicando-se somente aquilo que aprenderam na ausência destes, assim também se portam as almas dos homens.

É preciso ter em mente que não é o fato de se estar aqui embaixo dando vida ao homem o que constitui o mal da nossa alma, mas é o fato de que, estando aqui, ela acaba por se dedicar às coisas daqui, o que a leva a desdenhar a si e sua origem, este sim é o grande mal da alma.

2.3 O homem e a sua liberdade

“A mais alta atividade da alma consiste na liberdade” (Reale, 2008, p. 110). Segundo o historiador, Plotino retoma seus predecessores mais uma vez para explicar como se dá a liberdade do homem, mas, com sua nova forma de ver o Absoluto, o lícopolitano realiza alguns progressos neste assunto. O Uno é Princípio imprecipitado, é livre porque escolhe a si mesmo e é causa de si.

Mas de fato o homem é livre? O que seria essa liberdade? “Em lugar de lhe formular uma definição, [...] Plotino lhe aponta a finalidade, isto é, reconduzir a alma ao Uno, [...] ao fundamento de sua existência” (Ullmann, 2008, p. 258). Dito de outra maneira, podemos dizer que a liberdade da alma, mais precisamente do homem, é fazer o caminho de retorno ao Uno, subindo de grau em grau até ser unificado com o Supremo Absoluto. A problemática aqui é, como vimos, o fato de a alma estar encarcerada no corpo e, justamente por isso, ser limitada e totalmente entregue a este mundo.

Citando Plotino, assim nos expõe Ullmann:

Enquanto a alma existe sem corpo, ela é plenamente senhora de si (*kyriôtatê hautês*) e livre (*eleúthera*) e fora da causalidade cósmica; ao passar ao corpo, não mais é de todo independente, porque se encontra em relação com outros seres; (...) por essa razão, ela age, em parte, devido a elas (= relações), em parte, porém, lhes é superior e conduz as coisas como ela quer (Plotino apud Ullmann, 2008, p. 258).

Pelo exposto vê-se que a alma já era livre antes de descer ao corpo, era dona de si e totalmente independente ao passo que, a partir do momento que encarna no corpo, perde essa sua liberdade pelo fato de estar se relacionando com os outros seres sem, contudo, deixar de conduzir as coisas pelo seu querer.

Para se entender de fato a liberdade do homem se faz necessário entender que esta é semelhante a do Intelecto, como se pode observar na passagem abaixo:

O próprio Espírito (Intelecto) só é livre graças ao bem, [...] *tanto é verdade que cada um só busca a liberdade e o livre-arbítrio graças ao Bem. Assim, se desenvolve a sua força operante na trilha do bem, o Espírito possui de maneira eminente o livre-arbítrio*; pois Ele, ou possui aquele impulso que Dele surge e Nele termina ou permanece em si mesmo [...]. Mas entre o Uno e a liberdade que se auto põe como absoluto Bem, o Espírito é livre no sentido de que o seu ato coincide com o querer o Bem, enquanto é ligado absolutamente ao Bem; a Alma, enfim, é liberdade na medida em que, através do próprio Espírito tende ao Bem (Reale, 2008, p. 111, grifo do autor).

O historiador, utilizando-se de palavras do próprio Plotino, nos esclarece como cada uma das hipóstases posteriores ao Uno só alcança sua plena liberdade se, ao contemplá-lo, querer voltar a Ele; isso acontece tanto com o Intelecto como com a Alma. Com a alma humana não é diferente, ela deve, à semelhança dos demais, querer o Bem, ou seja, trilhar o caminho de retorno ao Uno. “A liberdade do homem, portanto, é sempre e somente a liberdade da alma que quer e busca alcançar o Bem” (Reale, 2008, p. 112).

2.4 O retorno ao Uno e os caminhos retorno

“Despoja-te de tudo (ἄφελε πάντα)” (Plotino apud Reale, 2008, p. 121), esta é a máxima plotiniana para tratar a respeito do sentido de retorno ao Uno, ao Princípio Supremo. O homem, mais precisamente a sua alma, anseia por retornar àquele que é seu princípio, ou seja, o Uno Supremo. Este retorno constitui o ápice do ser humano, pois percorrendo este caminho de retorno, o homem encontra e alcança a sua máxima liberdade. O retorno ao Uno é fazer justamente o processo contrário à emanção, ou seja, subir de degrau a degrau até se reiterar com o Uno.

Plotino nos aponta três caminhos pelos quais a alma pode fazer este processo de reunificação com o Uno. O primeiro caminho é o das **virtudes**, porém

não no sentido político como aquele desenvolvido por Platão em *A República*. Para o lícopolitano as virtudes nos ajudam a dar limites aos nossos desejos e ele as entende como uma espécie de purificação da alma, neste sentido elas nos ajudam a nos livrar das paixões e nos desapegar das coisas sensíveis.

O segundo caminho é o da **erótica**. A erótica plotiniana é, como a platônica, ligada estritamente à beleza. “Ora, sabemos que a beleza é, fundamentalmente, a forma em todos os níveis” (Reale, 2008, p. 117). O belo é forma e, contemplando a beleza, a alma é capaz de voltar-se a si mesma e, portanto, capaz de relembrar de sua origem. Em Plotino há uma “escada da beleza” que se deve subir. A passagem abaixo nos esclarece melhor isto:

Do belo sensível é preciso subir aos belos costumes, às obras da virtude e à beleza da própria alma purificada. Com efeito a alma, purificada, torna-se Ideia e, portanto, ela mesma beleza. Por esse caminho, afinal, a alma parte do belo e, transcendendo o belo sensível por meio das mesmas energias que o belo desperta nela, progride através dos vários degraus do incorpóreo até tronar-se ela mesma perfeitamente bela e identificar-se com o Belo absoluto (o Espírito) e com o próprio princípio do Belo (o Bem, o Uno) (Reale, 2008, p. 117).

Como descrito acima por Giavanni Reale, é-nos apresentados os degraus da “escada da beleza” de Plotino, o primeiro a subir é o degrau dos belos costumes, depois o das obras da virtude e por fim o da beleza da alma purificada.

2.4.1 As três vias de retorno ao Uno

Até aqui vimos que o processo de retorno inicia com o voltar-se da alma a si mesma. O homem deve percorrer um itinerário que parte primeiramente de si, ou seja, o homem deve buscar a si por primeiro e tomar consciência de quem é, para, só depois, partir para a reiteração com o Uno; o caminho da dialética desdobra-se, ainda, em três vias e somente alguns são capazes de percorrer este caminho, são eles, como nos apresenta Plotino (2000, p. 45): o filósofo, o músico e o amoroso.

2.4.1.1 A Música

A música é um conjunto harmonioso que é capaz de elevar aqueles que dela entendem a contemplar a Beleza inteligível. O músico é capaz de perceber, por sua sensibilidade sensorial, as harmonias dos sons que se apresentam; é justamente por esta sua capacidade que o músico é capaz de se elevar. De acordo com Plotino (2000, p. 46) ele, o músico, é facilmente comovido e tocado pela beleza.

De acordo com Abbagnano (2000, p. 689):

[...] Plotino considera a Música como um dos caminhos para ascender até Deus: “Depois das sonoridades, dos ritmos e das figuras perceptíveis pelos sentidos, o

músico deve prescindir da matéria na qual se realiza os acordes e as proporções, e atingir a beleza deles por eles. Deve aprender que as coisas que o exaltavam são entidades inteligíveis; isto é harmonia: a beleza que nela se encontra é absoluta, não particular” [...].

Percebemos que a música é capaz de elevar o ser humano ao Uno, porém nem todos, mas tão somente aqueles que são sensíveis às belezas das harmonias musicais. O músico possui um logos que, ligado à sonoridade, lhe permite perceber a harmonia que está presente nas coisas. A competência que é atrelada à capacidade de se elevar, ou seja, de transcender da realidade sensível que se é apresentada, é por Plotino considerada uma virtude.

Plotino diz que o músico tem uma capacidade que faz parte de sua natureza e

essa tendência natural deve ser tomada como o ponto de partida em sua educação. O músico deve ser levado a abstrair o elemento material [da melodia e da harmonia] e vislumbrar os princípios (*archai*) de onde suas proporções provêm, e a beleza que está nesses princípios; devem ensiná-lo que aquilo que encanta é, na verdade, a harmonia inteligível e a beleza que há nela: a Beleza universal e não particular. As verdades filosóficas devem ser implantadas nele, a fim de conduzi-lo à fé nas realidades que, embora ainda não conheça, ele tem em si (Plotino, 2000, p. 47).

Aqui o filósofo ressalta que, embora conhecendo e deixando que sejam elevados ao inteligível pelas harmonias musicais, os músicos devem conhecer também as verdades da filosofia para que possa se elevar ainda mais à transcendência. O conhecer das verdades filosóficas associadas às harmonias farão com que o músico seja capaz de abstrair no sensível aquilo que não é sensível.

2.4.1.2 O Amor

Passemos agora para mais um seguimento do processo da dialética plotiniana. Podemos dizer que aquele que ama é amoroso ou amante. O amante é nada mais do que aquele que é convidado a se elevar a partir da beleza das formas corpóreas à Beleza que lhe é superior, em outras palavras ele deve, a exemplo do músico, transcender do sensível ao que não é sensível.

Para uma melhor compreensão de como o Amor é considerado por Plotino uma das vias de retorno ao Uno, eis o que diz Abbagnano:

[...] Ao findar da filosofia grega, o neoplatonismo utilizou a noção de Amor não para definir a natureza de Deus, mas para indicar uma das fases do caminho que conduz a Deus. O Uno de Plotino não é Amor, porque é unidade inefável, superior à dualidade do desejo [...]. Mas o Amor é o caminho preparatório que conduz à visão dele, porque o objeto do Amor, segundo a doutrina de Platão, é o bem, e o Uno é o bem mais alto [...]. O Uno, portanto, é o verdadeiro termo e o objeto último e ideal de todo Amor, conquanto não seja através do Amor que o homem se une a Ele, mas através da intuição, de uma visão em que o vidente e o visto se fundem e se unificam [...] (Abbagnano, 2000, p. 40).

O trecho elencado acima nos esclarece como o filósofo de Licópolis en-

tendia o Amor, não mais como pensara a filosofia grega, mas com outro sentido. O Amor, que até então era utilizado para definir a natureza do Uno, é visto agora pelos neoplatônicos, mais precisamente Plotino, como um caminho que conduz a Ele.

Ao Amor se atrela a dualidade do desejo e é justamente por isso que a natureza do Princípio não é o amor, pois o Uno é uma unidade inefável que supera esta dualidade. Assim, movido por essa dualidade, o amante deve elevar-se para além dessas belezas que o arrebatam. Sobre isso nos esclarece Plotino:

O amoroso tem uma espécie de memória da Beleza [...], mas não é capaz de apreendê-las separadamente em sua transcendência. No entanto, as belezas visíveis o arrebatam. Deve então ser ensinado a não ser arrebatado por uma forma corporal, mas deve ser levado, por uma disciplina mental, a ver a beleza em toda parte e discernir que ela é algo diverso das formas corporais, que ela vem de outro lugar [...] e ele deve ser educado para reconhecer a beleza nas artes, nas ciências e nas virtudes. Isto o acostumará a amar as coisas incorpóreas (Plotino, 2000, p. 47).

Vemos assim que o amante tem que tomar cuidado para que não se deixe arrebatado por aquilo que ama, mas deve transcender a isso, pois precisa vê a beleza que está presente em todas as coisas, nas artes, nas ciências e nas virtudes, inclusive. “Então, ele deve ascender das virtudes à Inteligência e ao Ser, e, quando tiver chagado ali, terá de percorrer o caminho mais elevado” (Plotino, 2000, p. 47).

2.4.1.3 A Filosofia

Chagamos assim a terceira via de retorno: a Filosofia. Mais do que as duas vias anteriores o caminho da filosofia é o mais importante; o filósofo possui uma capacidade um tanto singular de elevação que lhe é natural, desses três tipos de homens, músico, amante e filósofo, este último é, de certa forma, privilegiado, pois possui essa capacidade inata. Mas o que vem a ser a filosofia? E de que modo o filósofo é capaz de ascender ao Uno?

Não é de tudo tão fácil chegar a um conceito de filosofia, tendo em vista que há várias vertentes filosóficas e cada uma delas toma um conceito ou um sentido para dar significação a filosofia. Segundo Abbagnano (2000, p. 442) “a disparidade das Filosofias tem por reflexo, obviamente, a disparidades de significações de ‘Filosofia’, o que não impede reconhecer nelas algumas constantes”. Assim, “destas [constantes], a que mais se presta a relacionar e articular os diferentes significados desse termo é a definição contida no *Eutidemo*³ de Platão: Filosofia é o uso do saber em proveito do homem”. Vale ressaltar que de nada vale o conhecimento, o saber humano, se este não tiver domínio daquele.

³ Diálogo platônico escrito por volta de 384 a. C., no qual Platão faz uma sátira ao que ele apresenta como falácias lógicas dos sofistas; termina em aporia, ou seja, sem um consenso.

Todavia ressalta Plotino que:

O filósofo tem uma disposição natural para se elevar. Tem asas, por assim dizer, e não tem necessidade, como os precedentes, de se separar do mundo sensível. Ele se move para as alturas, mas seus passos são incertos; de modo que precisa apenas de alguém que lhe mostre o caminho e o instrua, pois é desapegado das coisas sensíveis por natureza. Deve aprender a matemática para que se habitue ao pensamento abstrato e à crença no imaterial. Aprenderá facilmente por ter uma predisposição natural a aprender. Como é virtuoso por natureza, deve ser levado a aperfeiçoar as virtudes no mais alto grau, e depois do estudo da matemática, deve aprender a dialética até tornar-se um perfeito dialético (Plotino, 2000, p. 48).

Assim sendo, a via da filosofia de retorno ao Uno é mais facilmente alcançada porque o filósofo tem uma disposição natural para isso, o que ele necessita é apenas de alguém que o desperte para isso e, justamente por esta disposição, o filósofo é privilegiado no caminho para o retorno ao Absoluto.

2.4.2 O êxtase plotiniano

Quando a alma consegue se despojar de tudo e deixa para trás as suas paixões, ela consegue se esvaziar de si e do corpo, ao término disso, a alma, por intermédio da contemplação, passa a não ter necessidade de mais nada, o que acaba por ocasionar o êxtase. A esse respeito diz-se que:

Plotino caracteriza o Êxtase como a suspensão da alteridade entre aquele que vê e a coisa vista, e como identificação total e entusiástica da alma com Deus. “Não é mais uma visão”, diz ele, “mas um modo diferente de ver: Êxtase é simplificação e doação de si mesmo, desejo de contato, repouso e compreensão de conjunção” (Abbagnano, 2000, p. 420)

Desta forma, êxtase é o desejo de simplificação e de doação que a alma tem. Muitos acreditam que, ao entrar no estado de êxtase, o homem entra num estado de inconsciência. Reale (2008, p.124) expõe que:

Na verdade, o êxtase plotiniano não é um estado de inconsciência, mas um estado de hiperconsciência; não é algo irracional ou sub-razional e sim hiper-razional. No êxtase, a alma se vê toda em Deus, por assim dizer, se vê plena pelo Uno e, na medida do possível, a Ele completamente assimilada. Portanto, seu contemplar estático é um participar na subsistência do Uno, com todas as características a Ele peculiares, que são o além do Ser e, portanto, o estar acima do Pensamento, da Razão e da Consciência.

Pelo exposto, podemos perceber que o homem entra em um estado de hiperconsciência e não em um estado de irracionalidade ou subracional. Apesar da dificuldade de ser alcançado, entrar em estado de êxtase não é uma tarefa impossível; “segundo Porfírio, ao longo de sua vida Plotino teve quatro experiências extáticas: por quatro vezes saiu de si e ascendeu a Deus, ao Uno” (Sommersman, 2000, p. 81).

Na 6ª *Enéada* (ordem cronológica) intitulada *Sobre a Descida da Alma nos Corpos*, assim nos narra Plotino:

Muitas vezes ocorreu-me ser retirado de meu corpo e conduzido a mim mesmo; ser retirado das coisas externas e introduzido em mim mesmo; e então ver uma Beleza maravilhosa, tronando-se ainda maior a certeza de que pertença à ordem superior dos seres por ter realizado em ato a mais nobre forma de vida; ter-me estabelecido nela; ter vivido o seu ato e me situado acima de tudo quanto é inteligível, exceto com o Supremo (Plotino, 2000, p. 81).

Esta é a única passagem em que Plotino narra sua experiência extática, nos permitindo entender um pouco mais esse processo. A citação de Plotino nos oferece uma compreensão para a experiência mística e extática, em que o filósofo se despoja das limitações do corpo e das distrações do mundo sensível para alcançar um estado de unidade com o que há de mais elevado, com o Uno. Neste momento, ele experimenta uma beleza sublime, que confirma sua pertença à ordem superior dos seres. Esta experiência não é uma simples abstração, mas um ato de vivência e realização do que é mais nobre na vida humana, mostrando, por meio da transcendência do indivíduo, a possibilidade de se elevar à verdadeira realidade, que transcende o mundo sensível.

3 CONCLUSÃO

Somente o homem é capaz de questionar, inclusive sobre si mesmo, e com isso buscar soluções. O problema do homem sempre esteve presente na história da humanidade, ele é e sempre será motivo de especulações e teorias, tanto no campo das ciências da natureza, como no das ciências humanas. Ao longo da história da filosofia, dos tempos remotos até os atuais, este problema é um dos mais recorrentes, vários filósofos, ou a quase totalidade deles, buscou dar sua contribuição na tentativa de solução do problema.

Os filósofos, para elaborarem seu pensamento, utilizam-se às vezes daquilo que outros já especularam antes deles. Do que foi exposto, conclui-se que Plotino remete-se, em primeiro lugar a Platão [...], mas ao mesmo tempo retoma a especulação aristotélica e a das filosofias helenistas (Marías, 1975, p. 91). Desta forma ele consegue dar uma resposta ao problema da origem, tanto do homem como do universo, que, por sua vez, merece fé.

A Escola Neoplatônica, iniciado por Amônio Sacas, foi a que mais encantou o filósofo estudado neste trabalho. Partindo do Uno (Princípio Impricipiado), o filósofo de Licópolis desenvolve seu sistema, passando pelo Intelecto (*Noûs*), depois pela Alma do Mundo e o surgimento do homem, finalizando com o retorno ao Princípio, que, como vimos, é o máximo grau de liberdade possível ao homem. Plotino realizou uma verdadeira refundação da metafísica clássica, pois colocou o Uno como princípio criador de todas as coisas, acima até mesmo da ousía (essência) de Aristóteles, que, segundo o autor, é ulterior até

mesmo a ousia.

Sobre o Uno, primeira hipóstase ou substância, o licolitano não ousa dar nenhuma definição do que seja este, pois sendo início de tudo, não se pode dizer dele aquilo que é, mas tão somente aquilo que ele não é. A única expressão utilizada para designá-lo é a de “Princípio”, ou seja, ele é o primeiro de tudo e de todos, de forma que antes dele não havia nada. Todas as coisas que estão abaixo dele foram por ele criadas através de um processo chamado emanção que pode ser exemplificado como o exalar do perfume de uma substância odorífera, ou o irradiar da luz de uma fonte luminosa.

Do processo de emanção surgiu o Intelecto, segunda hipóstase e primeira emanção, que de início era informe, uma alteridade como sublinha Plotino, que precisava passar por um outro processo no qual deveria voltar a si mesmo, para o seu interior, e contemplar o seu criador, somente assim foi plenificado e forme. O surgimento do Noûs possibilitou também o surgimento do múltiplo, do movimento, o que deve ficar claro é que o movimento não surge do Uno, mas do Intelecto, pois dentro dele os seres coexistem e o múltiplo só se concretiza pelo fato do Noûs não pensar o Uno, mas pensar a si mesmo. Vimos também que o Intelecto plotiniano se torna o Ser e que Ele é, também, a estância, ou seja, morada do ser. Plotino nos informa que o Intelecto e o Ser têm uma mesma natureza e que somos nós, o seres humanos que, utilizando de nossa imaginação a fim de se ter uma melhor compreensão, fazemos a separação de ambos e imaginamos a ordem das coisas.

Seguidamente é percebido que surge a Alma do Mundo, terceira hipóstase e segunda emanção. Em suma, a emanção das coisas, tendo como princípio o Uno, foi um processo necessário para se criar o mundo físico, o cosmos, o universo; não bastaria ter apenas a unidade, pois, somente a multiplicidade presente no Intelecto e na Alma do Mundo, é que dão suporte para a origem do cosmos físico que deriva desta última.

De acordo com o pensamento do filósofo de Licópolis há uma Alma Superior, esta permanece sempre ligada ao Intelecto e que, justamente por isso, participa do Mundo Inteligível; a Alma do Todo, por sua vez, governa todo o Mundo Sensível, e há também as Almas Particulares que estão presentes nos corpos, com isso diz-se que a Alma é una e múltipla. Reale (2008, p. 82) vai mais adiante quando se trata da hierarquização da alma e nos apresenta três tipos de Alma: a Alma Suprema, a Alma do Todo e as Almas Particulares.

A Alma possui uma atividade que vai em duas direções: 1) por um lado ela se direciona à contemplação do Intelecto e 2) por outro, ela tende a produzir algo diverso de si e, neste caso, criar o mundo sensível, e este é criado pela *Alma do Todo* visto que a *Alma Suprema* permanece sempre ligada ao Intelecto, e as

Almas Particulares se limitam a animar os corpos produzidos no mundo sensível.

Surge então o mundo corpóreo e o que o caracteriza é a matéria, contudo o filósofo de Licópolis nos apresenta dois tipos de matéria e esta é sua grande novidade: existe a matéria inteligível e a sensível. A primeira é a que se faz presente no mundo incorpóreo que é justamente aquela potência que deriva do Uno que, sendo matéria indefinida, deve voltar-se ao seu engendrador para se definir; algo que se deve ressaltar é que esta matéria inteligível possui características que são próprias do inteligível, ela é simples, imutável e eterna. A segunda, a matéria sensível, é justamente o oposto da primeira porque é como que uma cópia daquela. Plotino vê a matéria como não-ser, não no sentido de que ela seja o nada, mas ela é por ele vista como “um outro do ser”, ou seja, a matéria inteligível é o ser e, para que seja distinta desta, a sensível precisa, necessariamente, ser diferente do ser.

É notório que Plotino desenvolve uma linha de raciocínio lógico para explicar seu pensamento. Sua especulação inicia-se com o Uno, passa pelo Intelecto (Noûs) e se conclui com a Alma, de certo que a alteração desta ordem prejudica o entendimento de todo o Sistema Plotiniano.

Esta é, portanto, a sequência de eventos, não de forma cronológica e sim lógica, que antecede o surgimento do ser humano. O autor das *Enéadas* diz que “o homem é uma alma dotada de um corpo e este é, para aquela, como que um prisão, pois a impede de fazer aquilo que tanto almeja: retornar a vida que tinha lá em cima” (Plotino apud Ullmann, 2008, p. 258).

Deve-se levar em consideração que há três tipos de alma e, conseqüentemente, três tipos de homens; esses homens são também três tipos de alma, assim, os três homens são imagens das três almas de modo que o primeiro homem é a alma na sua tangência com o Intelecto, o segundo homem é o que está no meio entre o inteligível e o sensível e o terceiro e último homem é o que dá vida ao corpo.

O homem é fundamentalmente a sua alma. Todavia ele se afasta de sua origem a partir do momento que começa a se dedicar as coisas daqui de baixo, o que acaba por gerar o esquecimento de sua origem.

Se tratando da liberdade, em lugar de lhe formular uma definição, [...] “Plotino lhe aponta a finalidade, isto é, reconduzir a alma ao Uno, ao fundamento de sua existência” (Ullmann, 2008, p. 258). Dito de outra maneira, podemos dizer que a liberdade da alma, mais precisamente do homem, é fazer o caminho de retorno ao Uno, subindo de grau em grau até se unificar com o Supremo Absoluto.

Para o retorno há três caminhos: 1) as virtudes – não no sentido político

de Platão, mas como uma ajuda para dar limites aos desejos e as paixões; 2) a erótica – ligada a beleza. Por ela é possível subir os degraus da “escada da beleza” de Plotino, o primeiro a subir é o degrau dos belos costumes, depois o das obras da virtude e por fim o da beleza da alma purificada; e 3) a dialética, que se desdobra em outras três vias: a música, o amor e a filosofia – a) O músico é capaz de perceber, por sua sensibilidade sensorial, as harmonias dos sons que se apresentam; é justamente por esta sua capacidade que o músico é capaz de se elevar. b) O amante é nada mais do que aquele que é convidado a se elevar a partir da beleza das formas corpóreas à Beleza que lhe é superior, em outras palavras ele deve, a exemplo do músico, transcender do sensível ao que não é sensível. E c) o filósofo que, mais do que as vias anteriores, é o mais importante; o filósofo possui uma capacidade um tanto singular de elevação que lhe é natural. Desses três tipos de homens, músico, amante e filósofo, este último é, de certa forma, privilegiado, pois possui essa capacidade inata de elevação.

Portanto, com o presente trabalho, podemos concluir que Plotino soube dar uma resposta satisfatória ao problema do homem, bem como do surgimento de todas as coisas, do universo. Ele, convicto de seu pensamento, relatou sua própria experiência daquilo que chamou de êxtase, que seria o desejo de simplificação e de doação que a alma tem no qual o homem entra em um estado de hiperconsciência e não num estado de irracionalidade ou subracional, como pensavam muitos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARÍAS, Julián. Plotino. In: MARÍAS, Julián. **O tema do homem**. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1975. p. 91-94.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Plotino e o neoplatonismo. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1990. v. 1, p. 338-355.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. A passagem da era clássica para a era helenística. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1, p. 249-252.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Os últimos desenvolvimentos da filosofia pagã antiga. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1, p. 325-367.

REALE, Giovanni. Plotino e o neoplatonismo. In: REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2008. v. 8.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O homem e a liberdade em Plotino. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 38, n. 160, p. 252-269, maio/ago. 2008.

Recebido em: 02/09/2025

Aprovado em: 17/12/2025